

“Pão e Luz”: o periódico *A Classe Operária* e a construção do comunismo brasileiro¹**Fábio da Silva SOUSA***

Resumo: O periódico *A Classe Operária* teve a sua edição de estreia publicada em 1º de maio de 1925 pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), e, apesar de vários períodos de interrupções, continua sendo publicado até os dias atuais, o que o torna o periódico de esquerda mais antigo da História da Imprensa Brasileira. O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir como o periódico comunista recontou a sua própria trajetória ao publicar artigos e História em Quadrinhos (HQ) em edições de sua terceira fase, a partir de 1946, quando o PCB usufruiu de momentos de legalidade política. Por meio da análise desse material, levanta-se o questionamento de como essa reconstrução histórica criou uma memória política, tanto do periódico *A Classe Operária*, como também do Comunismo no Brasil.

Palavras-chave: Imprensa comunista. Memória política. Comunismo brasileiro.

"Bread and Light": The periodical *A Classe Operária* and the construction of Brazilian communism

Abstract: The first edition of the periodical *A Classe Operária* [The Working Class] was published on 1 May 1925 by the Communist Party of Brazil (PCB), and, despite several periods of disruption, is still published to this present day – a fact which makes it the oldest left-wing journal in the history of Brazilian media. This paper aims to discuss and present how, starting in 1946, the communist periodical retold its own history by publishing articles and comic strips in editions of its third phase, when the PCB had moments of political legitimacy. Through the analysis of this material, it is possible to explore how its historical reconstruction created the political memory of both the journal *A Classe Operária* and also of communism in Brazil itself.

Keywords: Communist press. Political memory. Brazilian Communism.

* Doutorando em História - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras - Unesp - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2.100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP. E-mail: fabiosilvasousa@hotmail.com

Levantate, informate y actua
Levantate, que estas perdimendo tiempo
Levantate, informate y actua
Levantate, nadie te salvara
(Los Crudos, Levantate)

Introdução: o jornal e o partido

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir algumas matérias e ilustrações que foram publicadas nas páginas do periódico comunista brasileiro *A Classe Operária (CO)*², principalmente nos anos de 1946 e 1947. Nesse período, em decorrência das alianças vitoriosas da Segunda Guerra Mundial, o Partido Comunista do Brasil (PCB) usufruiu de uma breve legalidade nos círculos da política brasileira. Para os comunistas, tal oportunidade de atuar na sociedade foi encarada com entusiasmo, uma vez que muitos interpretaram aquele momento como uma chance de aumentar o alcance das propostas do PCB entre a população, com ênfase ao movimento operário, e, conseqüentemente, plantar as sementes que iriam florescer uma Revolução Social e Comunista no Brasil. Dessa forma, as páginas da *CO*, órgão central do PCB, foram bastante utilizadas para esse objetivo.

Havia motivos para esse arrebatamento político presente entre os comunistas, pois tanto o Partido quanto o seu principal periódico travaram uma luta árdua contra a repressão e a censura desde o momento em que foram fundados.

O PCB foi criado em março de 1922 e reconhecido pela Internacional Comunista (IC) dois anos depois, após um longo processo que havia sido iniciado em 1919³. A divulgação ao público de um Partido Comunista com sede no Brasil ocorreu em junho de 1922, no artigo “Partido Comunista (SBIC)”, de autoria de Astrojildo Pereira⁴ (1980, p. 32) e publicado no nº 07 da revista *Movimento Comunista*:

É com legítimo e grave contentamento que lançamos hoje ao grande público a notícia da constituição definitiva do Partido Comunista, Secção Brasileira da Internacional Comunista. Era o Brasil talvez o único dos países de uma certa importância mundial onde não havia ainda um partido comunista regularmente organizado⁵.

A formação do PCB ocorreu em um momento bastante instável da sociedade brasileira. Nos primeiros anos da década de 1920, o país estava sob o turbulento governo de Artur Bernardes (1922-1926) e não tardou para a repressão se abater sobre os comunistas, por meio de uma intensa perseguição política e policial, que foi intensificada anos depois, na primeira fase do governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930.

Após sua estruturação, a informação e a propaganda política se tornaram uma das principais “armas” do PCB. Era essencial para o Partido exercer uma intensa penetração ideológica nos círculos operários e angariar membros para suas fileiras, por meio de uma

forte propaganda doutrinária e pedagógica. Os periódicos impressos se tornaram o principal suporte para que essa mensagem do PCB conseguisse ser espalhada. Novamente, Astrojildo Pereira (1980, p. 36) nos apresenta a dimensão da importância dos periódicos como um “instrumento” de ação do Partido, como se pode conferir no artigo “Organização e Propaganda”, publicado no nº 8 da revista *Movimento Comunista*, em julho de 1922:

Nossas publicações – É necessário que a difusão de nossas publicações seja intensificada o mais possível [...] Não é só receber o pacote e deixá-lo para um canto, à espera que venham procurar a revista. Não é só receber seu exemplar de assinatura, lê-lo, guardá-lo... e pronto. É necessário fazer a revista circular, é necessário impingí-la, levá-la aos meios operários, aos sindicatos, às reuniões, às assembleias, aos festivais, às fábricas, às oficinas, etc. É necessário angariar-lhe o maior número possível de assinaturas. Numa palavra, cada comunista deve ser um agente incansável, vigilante, ativíssimo das publicações do Partido, com especialidade de seu órgão central.

Essa necessidade de um suporte impresso para o Partido, apontada por Pereira na citação acima, foi suprida com a fundação da *CO*, em primeiro de maio de 1925. Segundo as memórias de Octávio Brandão⁶ (1978, p. 222), a criação da *CO* seguiu uma recomendação da IC, de julho de 1923, para que o PCB publicasse um periódico voltado para as massas, característica considerada ausente da revista *Movimento Comunista*. Apesar dessa advertência, o PCB demorou quase dois anos para seguir essa orientação da IC. Chama a atenção o fato de que o primeiro número da *CO* saiu em 1925, ou seja, quase um ano depois do reconhecimento do PCB pela IC. É importante frisar que a versão apresentada por Brandão sobre a origem da *CO* não é a única: há outras leituras, como será apresentado posteriormente em nossa análise.

Ao substituir a revista *Movimento Comunista*, a *CO* assumiu o papel de órgão central do PCB. O conceito de órgão central, não apenas no caso analisado nesse artigo, como também de todas as principais publicações dos Partidos Comunistas de outros países, segue uma lógica proposta por Lênin, de que os periódicos deveriam ser parte integrante dos seus respectivos grupos políticos. Aos órgãos centrais foi reservado o papel de publicar documentos oficiais, memorandos, manifestos, entre outros materiais oficiais, ou seja, esses impressos eram os porta-vozes oficiais dos Partidos Comunistas (SOUSA, 2012, p. 55). Além dessa função, a *CO* também foi um importante suporte cultural de adesão de militantes às fileiras do PCB. Segundo Jorge Ferreira (2002, p. 100), esse periódico foi utilizado como material didático em cursos de marxismo-leninismo, realizados nos Centros de Cultura Proletária, que funcionaram ao longo da década de 1920.

Em 1925 o PCB lançou doze números da *CO*, quando o periódico foi obrigado a sair de circulação, resultado da perseguição policial e política do governo brasileiro. A *CO* voltou às ruas em primeiro de maio de 1928, apresentou uma nova numeração, e essa sua

segunda fase durou até meados de 1940, quando o regime ditatorial do Estado Novo, proclamado três anos antes por Getúlio Vargas, empunhou um golpe mortal no movimento comunista brasileiro.

Essa segunda fase foi um período intenso tanto para a *CO* quanto para o PCB. A via democrática tornou-se uma alternativa para o Partido, e em 1927 foi criado o Bloco Operário-Camponês (BOC). De início promissor, o BOC conseguiu eleger dois vereadores para a então capital federal da época, Rio de Janeiro. Empolgados com esse resultado, em 1930, Minervino de Oliveira, um dos vereadores eleitos pelo PCB, foi lançado candidato à presidência. A *CO* realizou uma intensa campanha de Oliveira em suas páginas. Contudo, mesmo com esse apoio, o candidato comunista não conseguiu repetir o mesmo sucesso nas urnas e recebeu votos pouco expressivos em sua campanha à presidência (KAREPOVS, 2006).

Além da derrota eleitoral, no final do ano de 1930, em consequência de uma cisão entre a política dos governadores, estrutura política que alternava a cadeira presidencial entre os candidatos de São Paulo e Minas Gerais, Getúlio Vargas se rebelou no sul do país e infringiu um golpe de Estado, denominado na época de “Revolução de 1930”. Nesse período, a *CO* publicou diversos artigos contra o governo varguista e, em contrapartida, iniciou-se uma perseguição feroz aos comunistas brasileiros.

Em 1935, cientes de que o Brasil estava pronto para uma Revolução, o PCB arquitetou uma insurreição sob a liderança de Luís Carlos Prestes, carismático líder, que havia retornado do exílio na Bolívia, depois da campanha das colunas tenentistas, que havia percorrido o país na década de 1920. Os planos insurrecionais dos comunistas foram descobertos pelo governo, que rapidamente desarticulou o movimento. Prestes e sua companheira, Olga Benário, fugiram durante um ano, mas foram presos em 1936. Em outubro desse mesmo ano, Benário foi entregue à Alemanha Nazista e Prestes permaneceu quase dez anos na prisão. Outros membros desse levante, assim como diversos comunistas anônimos, foram presos, perseguidos e mortos (PINHEIRO, 1991).

Vargas aproveitou o clima de insegurança que esse levante se instalou na população e, por meio de um documento forjado, o *Plano Cohen*, afirmou que o Brasil estava na mira de uma Revolução Comunista sob o auspício da União Soviética. Esse argumento justificou a instalação do regime ditatorial do Estado Novo, em 1937.

A perseguição aos comunistas se intensificou e a *CO* passou a ter problemas de impressão e circulação. Algumas edições desse período foram publicadas em duas páginas, em formato mais de panfleto do que propriamente de periódico, sendo que sua redação não era fixa. Alguns números foram impressos em São Paulo, outros no Rio de Janeiro e algumas edições na Bahia. Como consequência dessa perseguição, a qualidade material de impressão caiu visivelmente, pois os editores do periódico se viram forçados a usar

máquinas “reco-reco”, que mimeografavam artesanalmente o original escrito em máquina de datilografia. Houve até mesmo edições que foram escritas à mão (REBELO, 2003).

Apesar dessas dificuldades, o órgão central do PCB continuou a sua campanha, com chamadas e apelo para que a população se unisse contra a ditadura de Vargas, como podemos conferir em um trecho abaixo, de um extenso artigo publicado na última edição de 1940 da *CO*, localizada em nossos arquivos⁷:

[...] O P.C.B. apela para todos os elementos sinceramente nacionalistas, democráticos, liberais e progressistas – civis e militares, homens e mulheres, velhos e jovens – afim de que se unam e, através dessa poderosa frente de ação, redobrem os esforços e energias na luta sem tréguas, sem quartel pela Democracia e pela Libertação Nacional. Unidos, á base de um programa verdadeiramente DEMOCRÁTICO, que de fato atenda as necessidades e aspirações do país e do povo, seremos em breve uma força que nenhum terror policial logrará de deter, uma força que fará o imperialismo e seus agentes “estadonovistas” morderem irremediavelmente o pó da derrota. (TODOS DE PÉ..., 1940, p. 6)

Esse pequeno trecho já demonstra uma mudança de estratégia dos membros do PCB e revela os anseios deles pela restauração da ordem democrática no Brasil, no período do Estado Novo. O PCB se colocou como o defensor legítimo da democracia, e o povo brasileiro, em sua pluralidade, deveria se unir ao Partido, para que ambos pudessem alcançar esse objetivo. Contudo, apesar desse clamor, tanto o PCB quanto a *CO* ficaram cinco anos nas sombras da sociedade brasileira e só voltaram à ativa em 1945, quando, por meio de uma intensa propaganda política e cultural, ambicionaram se colocar como a vanguarda da restauração da democracia no país e tiveram a oportunidade de reconstruir a sua História, por meio de palavras e imagens.

A história em palavras

Em 1945, o Brasil retomou o caminho da democracia. Fatores de ordem externa, como o final da Segunda Grande Guerra e, de ordem interna, como a crescente pressão da sociedade brasileira por mudanças, levaram Getúlio Vargas a decretar o fim do Estado Novo e restaurar a ordem democrática. Nesse cenário, presos políticos foram anistiados, entre eles, Luiz Carlos Prestes, que, como mencionado anteriormente, estava encarcerado desde 1936. O PCB foi legalizado e isso permitiu que intelectuais e artistas engrossassem as suas fileiras. Assim, foi nesse período que Graciliano Ramos aderiu ao PCB e Jorge Amado, então deputado federal, tornou pública a sua ligação com o Partido, vínculo que possuía desde a década anterior (BARBOSA, 2010). Após a sua libertação, Prestes chegou à liderança do PCB ao ser alçado ao cargo de Secretário-Geral do Partido, e Astrojildo

Pereira, que havia sido expulso em consequência da política do obreirismo⁸, também retornou. Com o PCB na legalidade, a *CO* também voltou a ser publicada.

O primeiro número dessa terceira fase da *CO*⁹ foi publicado em 09 de março de 1946. Ao contrário de suas outras fases, cujas edições de estreia e reestrela foram publicadas respectivamente em primeiro de maio de 1925 e 1928, esse novo número veio ao público no mês de março, o que representou uma quebra dessa tradição de lançamentos da *CO*, visto que o dia primeiro de maio é uma data importante para o movimento operário em escala mundial¹⁰.

Com doze páginas, esse número de reestrela apresentou uma qualidade gráfica de destaque em comparação com outras publicações do período, como atesta Nelson Werneck Sodré (2011, p. 64): “*A Classe Operária* ressurgiu como legal, em 1946, após o fim da Segunda Guerra Mundial, apresentando-se, então, como dos mais bem feitos jornais do país, com inovações gráficas que surpreenderam a imprensa da época”.

De todo o material publicado nesse número, é de nosso interesse especial, pela proposta do presente artigo, três textos e três sequências de história em quadrinhos (HQ), referentes à trajetória e à retomada da *CO*. Em primeiro lugar, serão analisados os seguintes textos: “Elementos para a História d’a CLASSE OPERÁRIA”, escrito pelo jornalista comunista Rui Facó¹¹ e que se encontra na primeira e na sétima página do periódico¹²; “A nossa CLASSE OPERÁRIA”, de Luiz Carlos Prestes, publicado na primeira página; e, por fim, “A ‘CLASSE’ ERA PÃO E LUZ” – que inspirou o título do presente artigo – assinado por Jorge Amado, que se encontra na página de número seis.

Os três artigos apresentam a mesma estrutura em termos de escrita: ressaltam com uma narrativa heroica a trajetória da *CO*, ao expor como o periódico comunista foi publicado no Rio de Janeiro, em São Paulo e Salvador, a fim de escapar da repressão policial. Também há relatos de alguns casos de membros do PCB que deram a vida para que o jornal não fosse confiscado, como o lendário caso do Cabo Jofre que, em 1935, explodiu a gráfica do periódico em Salvador quando se viu rodeado pelas forças policiais comandadas por Felinto Muller. Jorge Amado retratou essa história em seu artigo. O ressurgimento da *CO* também esteve vinculado a essa nova fase do PCB, explicitado na seguinte passagem do artigo do escritor baiano:

Quando ela volta a surgir, agora graficamente bem feita, intelectualmente poderosa, refletindo o Partido novo que cresceu do pequeno [...] Quando saudamos os construtores do grande Partido de agora, os homens saídos do proletariado e do povo para a organização que hoje possuímos, quando saudamos esse jovens heroes da batalha do Partido, coloquemos ao seu lado o pequeno jornal que iluminou muito caminho e alimentou muita esperança.

[...]

A CLASSE volta a circular. É como uma velha camarada que retorna após anos de cadeia ou de hospital. E volta com outra experiência, com outra

capacidade, com outra força. Porque agora não é mais órgão daquele agressivo, audaz e pequeno Partido ilegal. Agora é órgão do Partido sobre todos unitário, do Partido proletariado e do povo, do Partido de Prestes. (A 'CLASSE'..., 1946, p. 6)

Além do tom de exaltação expressado por Amado em quase todas as frases, destaca-se a passagem na qual o periódico é humanizado, ao ser descrito como “uma velha camarada” que acabava de retornar de um período de convalescência. Ou seja, não era apenas um simples jornal, e sim, sobretudo, uma companheira de luta para os comunistas brasileiros.

A importância e a missão da *CO* também aumentaram, pois o PCB não era mais, nesse momento, aquele “agressivo, audaz e pequeno Partido ilegal” como destacado por Amado. Essa questão é relevante, pois representa uma guinada nas estratégias do Partido, que na legalidade obteve mais abertura, visibilidade e responsabilidade ao expor suas propostas para a sociedade brasileira. Tal mudança também foi destacada por Prestes, que, em seu texto, além de saudar o retorno da *CO*, apresentou as novas diretrizes do periódico no auxílio das estratégias de atuação do PCB:

Hoje, em plena legalidade, é outra sem dúvida, a missão precípua de nosso jornal: será antes de tudo o grande educador do Partido, o jornal que, apreciando todos os acontecimentos do ponto de vista do proletariado, fale uma linguagem diferente daquela da “grande imprensa” que pretende fazer a “opinião pública” e na verdade envenena a nação; um jornal que pelas suas ligações com o organismo de base do Partido, viva os problemas de todo o nosso povo e seja capaz de tornar nacionalmente conhecidas as grandes experiências de luta da classe operária, nas cidades e no campo, e de seu aliado principal, a grande massa camponesa. (A NOSSA CLASSE..., 1946, p. 1)

De acordo com o trecho acima, o diferencial da *CO* estaria em seu papel de ser porta-voz dos oprimidos pela sociedade e rivalizar com a “grande imprensa” que, na análise dos comunistas, era um instrumento de formação de opinião usado pela burguesia. Educar, conscientizar, revolucionar – esses eram os três pilares do órgão central do PCB.

Contudo, a história desse periódico também deveria ser recontada, a fim de apresentar a sua importância na luta por uma sociedade mais justa no Brasil, e esse foi o objetivo do artigo de Facó. Reconstruir a trajetória do principal periódico do PCB não foi uma tarefa fácil, algo que o autor esclareceu logo no início do seu texto. O autor apresentou informações relevantes sobre a origem da *CO*, como, por exemplo, os nomes das gráficas em que o periódico foi impresso. Destaca-se também no artigo a referência ao “Relatório da Comissão do jornal”, parte integrante das “Teses e Resoluções”, documento sacralizado em 22 de fevereiro de 1925 pela Comissão Central Executiva do PCB. Em um dos trechos apresentados por Facó constam os objetivos e as normas de como deveria ser o periódico do PCB:

“Na atual situação, o aparelho que porá em movimento toda a engrenagem do Partido Comunista é um jornal – diz o relatório –. Com êle, desenvolveremos a nova organização – das células. Com ele, poderemos penetrar no seio das massas. Com êle, os trabalhadores ficarão a par do movimento nacional e internacional. Com êle, orientaremos os trabalhadores sobre a sua atitude diante dos acontecimentos atuais do país. Vê-se, pois, que o jornal é um aparelho insubstituível, um aparelho unico. E, sobre êle, devemos concentrar as energias, fazendo até sacrifícios. Está portanto, fora de qualquer discussão a necessidade de um jornal”. (ELEMENTOS..., 1946, p. 7)

O jornal deveria ser uma via de acesso do Partido aos seus militantes ou futuros leitores que poderiam ingressar em suas fileiras e o custo do periódico seria compensado com base em subscrições e assinaturas. Ao contrário da “grande imprensa”, as folhas operárias, tanto as comunistas quanto as anarquistas, não visavam ao lucro. Por isso, dependiam da cooperação de seus militantes para custear as suas necessidades econômicas. Com uma tiragem de aproximadamente 2.000 exemplares, no mês de maio de 1925, surgia o primeiro número da *CO*. Abaixo, segue a descrição de Facó sobre esse momento inaugural:

NASCE UMA CRIANÇA

A 1º de maio de 1925 aparecia o primeiro numero de “A Classe Operária”, do qual infelizmente foi impossível conseguir qualquer exemplar. Sabemos apenas que tinha quatro páginas, sendo a primeira dedicada ao hino dos trabalhadores, “A Internacional”, letra e música, com um resumo histórico. Sob o titulo: “Jornal dos trabalhadores, feito por trabalhadores”. Ostentava o emblema do Partido. (ELEMENTOS..., 1946, p. 7)

Novamente, no trecho acima, o periódico é humanizado ao ser tratado como uma “criança”, e, pela descrição de Facó, a edição de estreia da *CO* foi um sucesso. O artigo termina com uma descrição do conteúdo da 11ª edição e com uma chamada de continuação para o próximo número.

Tanto o texto de Facó quanto o de Amado, ao descreverem a criação da *CO*, não fizeram nenhuma referência à IC. Esse fato é bastante relevante, pois, como já citado no início desse artigo, Octávio Brandão – um dos primeiros redatores do periódico em 1925 –, afirmou que a sua criação foi seguida de uma orientação da IC de 1923. Contudo, segundo Facó, a criação da *CO* foi idealizada pelo “Relatório da Comissão do jornal” do PCB, datada do começo 1925. Ou seja, aqui se verifica um choque de versões da idealização do periódico do Partido.

Assim como Astrojildo Pereira, Octávio Brandão também foi afastado do PCB em decorrência da estratégia do “obrerismo”. Contudo, ao contrário do seu companheiro, não retornou ao Partido após a sua legalização em 1945 e não seria demasiado afirmar que a sua ausência nessa edição de estreia foi sentida, uma vez que Brandão, junto de Pereira, estava na redação da *CO* em sua primeira e segunda fase.

Para finalizar, os três artigos, ao se referirem ao nome do periódico, órgão central do PCB, o colocam em caixa alta. Essa é uma estratégia interessante de escrita, pois, assim, o nome da *CO* se destaca na leitura dos textos.

Na edição seguinte, de nº 02, publicada em 16 de março de 1946, Rui Facó continuou o seu trabalho narrativo sobre a trajetória da *CO*. O seu texto cobriu toda a década de 1920, e abarcou as doze primeiras edições da primeira fase do periódico e o início da sua segunda fase.

Em suas primeiras linhas, o artigo apresenta a força que a *CO* atingiu nos primeiros meses de 1925, pois sua 12ª edição saiu com uma tiragem de 9.500 exemplares, rapidamente esgotados. Para a edição seguinte estava sendo preparada a tiragem de 10.000 exemplares. Contudo, a impressão desse número foi interrompida, pois a *CO* foi fechada após o lançamento de sua 12ª edição. Segundo Facó, não houve um motivo alegado para o fechamento do periódico do PCB. Contudo, essa 12ª edição publicou diversos artigos críticos ao socialista Albert Thomas, que visitou o Brasil em 1925, a convite do governo. Para Facó, os ataques a Thomas, somados ao grande crescimento do periódico, poderiam ser as motivações que ocasionaram a interrupção de sua circulação, promovida pelos dirigentes brasileiros:

E, de fato, o crescimento da CLASSE era patente. Isto a reação devia sentir. É o caso de perguntarmos se a CLASSE foi fechada, como acreditavam seus redatores, pelo fato de ter atacado um hóspede do governo brasileiro, o sr. Thomas, ou pela sua expansão, relativamente grande, por sua influência junto aos operários, pelo serviço que estava prestando – apesar de seus erros e debilidades – à obra revolucionária. (HISTÓRIA..., 1946, p. 10)

Independente das razões desse fechamento, a *CO* ficou três anos em silêncio e só voltou a ser impressa em 1928, cuja primeira edição alcançou a tiragem de 20.000 exemplares. Em outro trecho relevante do artigo, o autor destacou que a repressão ao órgão central do PCB foi facilmente orquestrada, em razão da debilidade do Partido nesse período:

[...] O fechamento do jornal não acarretava perigo imediato à reação: os trabalhadores brasileiros ainda não estavam suficientemente organizados, apesar de todos os apelos feitos pelo seu semanário. Havia apelos, mas não trabalho prático. Os denodados militantes não se ligavam realmente às massas. A ação do Partido não tinha profundidade. O Partido existia mais para amedrontar a burguesia do que para forjar-se num verdadeiro Partido operário, ligado à classe operária e muito menos aos camponeses. A falta de um trabalho prático nesse sentido nota-se da própria leitura da CLASSE. O número de membros ativos – aproximadamente de 300 a 500 em todo o Brasil – mostra a debilidade da vanguarda da classe operária. Eis porque foi fácil fechar a CLASSE sem que houvesse qualquer reação. Os atos arbitrários do governo contra o operariado e seus órgãos eram geralmente recebidos de forma passiva. (HISTÓRIA... 1946, p. 10)

Salta aos olhos o tom de autocrítica desse trecho. Ao destacar a debilidade e o distanciamento das massas, Facó atribuiu ao próprio Partido a responsabilidade por uma postura “passiva” do movimento operário do Brasil. Em outras palavras, foram os comunistas que não conseguiram transmitir a sua mensagem e penetrar nos corações e mentes do operariado brasileiro. Nesse caso, até mesmo a *CO* havia falhado em seu principal objetivo, de ser um periódico orientador e de conscientização das massas. Para o autor, o maior problema do PCB nesse período foi a sua deficiência em realizar um verdadeiro trabalho prático em seus objetivos, e que refletiu na própria leitura da *CO*. Contudo, por mais interessante que seja essa afirmação, Facó não se aprofundou nela em seu artigo.

Apesar dessas críticas, Facó sugeriu que, na segunda fase da *CO*, a partir de 1928, o PCB procurasse corrigir e estreitar seu contato com a classe trabalhadora. Como exemplo, o autor destacou a criação de uma seção de correspondência, na qual o operariado teria um canal para entrar em contato com o corpo editorial da *CO*, podendo enviar dúvidas, sugestões e denunciar as suas mazelas sociais. O artigo de Facó finalizou tratando desse período e apresentou, por fim, duas capas de edições antigas da *CO*: uma de 1º de maio de 1929 e outra de 1º de março de 1940.

Essa série de artigos históricos terminou na edição seguinte, de nº 03, publicada em 23 de março de 1946. Vale ressaltar, que essa foi uma edição especial, pois celebrou os 24 anos da criação do PCB. A terceira e última parte do artigo de Facó foi dedicada ao final da década 1920 e começo de 30. Logo no início, o autor afirmou que a *CO* estava aumentando a sua influência não apenas entre o operariado, como também em outras camadas sociais da população brasileira. Também se destaca no texto o dado de que alguns números do órgão central do PCB alcançaram a tiragem de 40.000 exemplares:

A CLASSE dêsse período não é apenas um jornal do proletariado. Ganha outras camadas da população, sobretudo entre a pequena burguesia, cujo empobrecimento se acelera. E A CLASSE circula amplamente. É arrebatada nas portas das fábricas, no cais do porto, no Arsenal da Marinha, nas oficinas e igualmente procurada na Galeria Cruzeiro e outros muitos pontos centrais da cidade. (HISTÓRIA..., 1946, p. 10)

Todavia, o tom otimista da atuação do Partido e do seu órgão central desvaneceu quando Facó se centrou na “Revolução” de 1930. Afinal, como explicar porque foi Vargas – e não o PCB – que derrubou o governo naquele período? O autor realizou uma breve análise sobre essa questão no último parágrafo do seu artigo e também revelou alguns pontos da trajetória gráfica da *CO*:

E á proporção que a reação aumenta A CLASSE diminui! – de renunciando ainda este fato a falta de um Partido realmente ligado ás massas. O aspecto gráfico da CLASSE nesse período revela que não tinha oficinas certas para sua composição. Traz, porém, invariavelmente esta procedência: Rio de

Janeiro. Muitas vezes era obrigada e emigrar: para Niteroi, São Paulo, Bahia, procurando por todos os meios despistar a polícia. Mas sem seu cabeçalho estava sempre o nome de sua cidade-berço, o Rio. Aqui encontrava ela o calor de um bravo proletariado combativo, que continua sendo hoje o grande inspirador das vitórias de seu Partido. (HISTÓRIA..., 1946, p. 10)

Pode-se ressaltar nesse parágrafo, a afirmação de que o Partido, apesar dos seus esforços, ainda não penetrou ideologicamente nas massas. Essa afirmação é relevante, pois foi uma explicação que o PCB, *a posteriori*, utilizou para justificar o Golpe de Estado de Getúlio Vargas e uma “derrota” dos comunistas em fomentar uma Revolução na década de 1930: de acordo com essa tese, Vargas teria chegado ao poder porque atingiu as massas, em detrimento do PCB, que não conseguia se vincular às mesmas. Outro ponto de destaque encontra-se na afirmação de que a *CO*, mesmo quando estava sendo publicada em São Paulo e Salvador, informava que estava sendo impressa no Rio de Janeiro. Em uma análise sobre a materialidade do periódico, esse dado é importante.

Cabe ressaltar que a questão material gráfica tem de ser levada em conta, para entendermos e traçarmos, na medida do possível, os caminhos que os editores da *CO* percorreram, ao publicá-la em momentos de intensa perseguição política e policial. Não é demasiado afirmar que publicar o periódico em outros Estados e afirmar que o mesmo estava sendo impresso no Rio de Janeiro, foi uma medida de estratégia tomada pelos editores da *CO*, cujo objetivo era lançar um dado falso para escapar da repressão e da perseguição policial.

As edições seguintes não publicaram mais artigos sobre a trajetória da *CO*. O tema só voltou na 8ª edição, publicada em 01 de maio de 1946, no aniversário de 21 anos de fundação do periódico. Logo na capa, encontra-se a matéria “‘A CLASSE OPERÁRIA’ 1º de maio de 1926 e 1º de maio de 1946”, sem referência de autoria. Essa matéria mantém a estrutura grandiloquente de escrita dos textos analisados anteriormente, contudo, chama atenção o ano de 1926, expresso no título, pois, é uma referência ao ano de fundação da *CO*. Este foi um erro, pois, como mencionado anteriormente, a *CO* foi fundada em 1925.

No conteúdo do artigo, destaca-se o parágrafo que trata da imprensa comunista no presente período. Nesse trecho, é atribuído à *CO* o pioneirismo na criação de uma nova imprensa em todo o país, voltada para questões sociais e em defesa da classe operária brasileira:

Essa imprensa – “Tribuna Popular”, no Rio, “Hoje”, em São Paulo, “O Movimento”, na Bahia, “Folha do Povo”, em Pernambuco, “O Estado de Goiás”, em Minas, “Tribuna do Povo”, no Maranhão, “Folha Capixaba”, no Espírito Santo, “O Democrata”, no Ceará, “Tribuna Gaúcha”, no Rio Grande do Sul – é a legítima herdeira das gloriosas tradições de luta d’“A CLASSE OPERÁRIA”. Sua luta está intimamente ligada ao proletariado. Seus objetivos são objetivos do proletariado e de todo o povo. (A CLASSE..., 1946, p. 10)

O texto termina com uma glorificação do retorno da *CO*, e também atribuiu ao órgão central do PCB outro pioneirismo: a luta contra o nazismo e o fascismo no país.

Esse número publicou outro artigo significativo: “1º de Maio. De 1886 a 1946”, escrito por Astrojildo Pereira. Nesse texto, Pereira teve como objetivo realizar uma descrição panorâmica da origem do primeiro de maio, em 1886, até o ano atual da publicação da matéria, 1946, com destaque para quatro momentos:

No Brasil, o 1º de Maio tem igualmente a sua história – longa e gloriosa, história, que seria interessante contar às novas gerações combatentes do proletariado brasileiro. Infelizmente não me sobrou tempo agora para proceder a pesquisa em tal sentido. Mas quero recordar o 1º de Maio de 1919, o de 1925, o de 1927 e o de 1929 – marcos importantes no desenvolvimento das lutas operárias em nossa terra. Em 1919, os trabalhadores do Rio de Janeiro realizaram a maior demonstração operária de massas até então presenciada na capital da República: mais de 60.000 pessoas reunidas em comício, na Praça Mauá, desfilando depois pela Avenida Rio Branco acima, com os seus estandartes, as suas bandeiras e as suas flâmulas. Em 1925, a manifestação do nosso 1º de Maio teve como nota mais alta o aparecimento de A CLASSE OPERARIA. Em 1927, também na Praça Mauá, pela primeira vez num 1º de Maio, o Partido Comunista apareceu como tal, abertamente, com um orador que falou em nome do Partido. Quanto ao 1º de Maio de 1929, foi igualmente um grande dia, tendo A CLASSE OPERARIA publicado um número especial de [...] páginas com a tiragem record de 30.000 exemplares. (1º DE MAIO..., 1946, p. 03)

No trecho destacado acima, evidencia-se uma tentativa de Pereira de relacionar o primeiro de maio do Brasil com a história da *CO*. Com exceção de 1919, as outras datas comemorativas do Dia do Trabalho só tiveram relevância com os lançamentos de edições do órgão central do PCB, e, assim, configura-se um discurso no qual apenas os comunistas tinham plena consciência do significado desse dia especial para o movimento operário.

Essa questão se torna relevante, uma vez que foi Getúlio Vargas que iniciou as comemorações “oficiais” do primeiro de maio. Segundo Angela de Castro Gomes (1999, p.66), no Dia do Trabalho, Vargas se encontrava com o povo e até criou os concursos de “literatura proletária”, “canção do trabalhador” e “cartilha de alfabetização do operário adulto”. Na legalidade, o PCB entrou em disputa pelo “verdadeiro” significado dessa data comemorativa da História do Trabalho.

Os restantes das edições de 1946 e as do ano seguinte não publicaram em suas páginas essa reconstrução da trajetória do periódico. Em 1947, não houve uma edição no dia primeiro de maio. Nesse mês, foi publicada a edição de n. 70, no dia 04. Esse número não apresenta nenhuma referência sobre a fundação da *CO*. Não obstante, as edições de março de 1947 publicaram alguns artigos referentes à história do PCB e a edição de n. 60, publicada em 29 de março, inaugurou a seção “depoimentos e velhos militantes”, na qual a história do PCB seria contada tomando-se por base a memória de antigos comunistas.

Desses depoimentos, escolhemos trechos de dois depoimentos, nos quais aparecerem referências à *CO*: o primeiro de Carlo Vilanova e o segundo de Joaquim Francisco da Silva¹³.

Carlo Vilanova inaugurou essa seção, abaixo da qual se encontra um fragmento de sua memória em relação à *CO*:

– O nosso querido jornal já em 1929 circulava ilegalmente, enfrentando toda a espécie de repressão policial. Durante muitos anos, foi gerente do jornal o camarada Tercio Santos. O técnico gráfico era Manuel Ferreira da Silva. Sebastião Luiz também estava ligado ao trabalho d'A CLASSE. Lembro-me do camarada Barreira, português de origem, falecido ano passado. Era Barreira quem transportava grande parte da edição d'A CLASSE em seu carinho de mão, clandestinamente. Lutador decidido, Barreira foi duas vezes deportado, mas sempre voltava á luta. (A FORMAÇÃO..., 1947, p. 03)

O depoimento de Joaquim Francisco da Silva, publicado na 62ª edição, de 06 de abril de 1947, também apresentou uma história de luta da *CO*:

[...] Em 1940, porém, recebi do secretario da região do Rio, que era conhecido por Matias, a tarefa de cuidar da oficina d'A CLASSE OPERARIA, que foi montada na minha própria casa. A 1º de maio daquele ano o Partido lançou volantes com um manifesto contra o Estado Novo. Seguiu-se uma onda de prisões e, por esse motivo, nem sequer um número d'A CLASSE OPERARIA pôde ser tirado pela oficina, de que eu cuidava. Um belo dia a casa foi cercada por uma caravana policial de sete carros chefiada pelo delegado Batista Teixeira. (O PARTIDO..., 1947, p. 07)

Carlo Vilanova e Joaquim Francisco da Silva demonstraram, em suas lembranças, as estratégias e os insucessos dos comunistas para colocar a *CO* em circulação. O esforço de carregar o periódico escondido ou de imprimi-lo clandestinamente comprova a influência que o órgão central tinha nos círculos operários e o perigo que a sua leitura acarretava. Não bastava ao governo apenas silenciar os comunistas: também tinha que calar o seu periódico e, nesse caso, mesmo o Partido estando desarticulado em momentos de intensa repressão, cada número lançado da *CO* era uma comprovação de que, mesmo quebrado, o PCB estava vivo e atuante.

Essa construção histórica não ficou apenas em textos e artigos. Também foi publicada uma sequência em HQ sobre os primeiros anos da *CO*, nas três primeiras edições publicadas em 1946.

A história em imagens

A série em HQ sobre a história da *CO* foi publicada na 1ª, 2ª e 3ª edições, ilustradas por Percy Deane¹⁴ e publicadas em março de 1946. Em apenas dez quadros, o autor resumiu cerca de 20 anos de história do órgão central do PCB:



Figura 1 - . A série de HQ "História d'A CLASSE OPERÁRIA". Publicada nas edições de nº. 01, 02 e 03 da CO, em março de 1946. Arquivo: Centro de Documentação e Memória da UNESP/CEDEM

No primeiro arco gráfico, estão os anos iniciais do periódico. No quadrinho inaugural dessa série, encontra-se o desenho de quatro homens, cuja legenda descreve a decisão de se fundar a CO, a partir da Conferência dos Delegados do PCB, realizada em 22 de

fevereiro de 1922, como já foi exposto. No segundo quadrinho, que traz um homem lendo a *CO*, a legenda descreve o lançamento da edição de estreia e algumas características do seu conteúdo. Já na sequência, nota-se a sombra de um soldado empunhando um fuzil e o visual obscuro do desenho conecta-se com o clima sombrio da legenda, que descreve o fechamento da *CO* em 1925. No último quadrinho dessa primeira sequência, há um jovem, uma mulher e um homem de meia idade lendo a *CO*. No desenho, o periódico está pendurado, provavelmente, no que seria uma banca de jornal. Essa legenda merece destaque, pois, ao tratar de um breve período de legalidade do órgão central do PCB, apresenta alguns locais onde o periódico era lido e também alguns dados de sua tiragem:

4 – Tiragem prevista: – de 2 a 4.000 exemplares. No número 11 tem atingido 9.500 exemplares. Os primeiros números do jornal saíram em plena legalidade. Era lido em toda a parte: – nos bondes, nos trens, nas bancas da Cantareira e vendido na Galeria Cruzeiro. (HISTÓRIA..., 1946, p. 09)

O segundo arco gráfico cobre a fase seguinte da *CO*, iniciada em 1928, até a sua distribuição clandestina, depois do Golpe de Getúlio Vargas, de 1930. O primeiro quadrinho dessa sequência apresenta dois homens conversando sorratamente, e um deles está segurando um jornal com o título “07 de novembro”. Pela legenda, somos informados de que essa foi uma edição clandestina especial, lançada em comemoração ao 8º aniversário da Revolução Russa, em novembro de 1925. No segundo quadrinho, há uma caricatura de Luiz Carlos Prestes, com barba, referente ao seu período de exílio na Bolívia. A legenda traz a informação do relançamento da *CO*, em maio de 1928 e da publicação do manifesto de Prestes. Esse documento foi publicado na 92ª edição, de 03 de julho de 1930, e suscitou intensos debates entre os comunistas do PCB. Cabe ressaltar, que os comunistas brasileiros foram bastante reticentes ao ingresso de Prestes ao Partido e até mesmo chegaram a ir contra a IC, que os orientavam a aceitar o antigo líder tenentista em suas fileiras. O terceiro e último quadrinho é dedicado às atividades clandestinas de circulação da *CO* depois de 1930. Deane caracterizou esse período com o desenho de um trabalhador negro, ao lado de uma caixa com a seguinte advertência: “CUIDADO! NÃO APROXIME DO FOGO!”. A legenda também contém informações interessantes sobre a logística dessas estratégias em manter a circulação do periódico:

7 – A distribuição da A CLASSE era uma das mais perigosas tarefas dos militantes comunistas. A CLASSE era encaixotada juntamente com outros caixotes de maçãs, laranjas, bananas, etc., e enviada para um camarada no Mercado Municipal, de onde saía para diversos pontos do país. Os caixotes destinados aos Estados eram embarcados a cargo de companheiros da Marinha Mercante. Havia sobre eles inscrições assim: “Cuidado. Não aproxime do fogo”. Essas inscrições eram senhas. (HISTÓRIA..., 1946, p. 11)

No terceiro e último arco gráfico dessa série, no primeiro quadrinho, consta outra caricatura de Prestes, dessa vez sem barba, e a legenda rapidamente informa do seu ingresso ao PCB e do apoio do Partido à Aliança Nacional Libertadora (ANL). O segundo quadrinho apresenta o desenho de uma gráfica clandestina, no meio do mato em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, e a legenda descreve as dificuldades da *CO* em se manter em circulação, tendo que recorrer a oficinas clandestinas, que muitas vezes eram invadidas por policiais. Para finalizar, no terceiro e último quadrinho, temos o desenho de três rostos, dois homens e uma mulher, à frente de uma bandeira escrita “Abaixo o fascismo”, trazendo o seguinte texto em sua legenda:

10 – Circulou até 1940, março. A guerra contra o nazi-fascismo exigia uma luta mais ampla do que através de um jornal ilegal. Quando a A CLASSE foi apreendida, em 1940, no Engenho do Mato, a polícia levou todo o material e prendeu três companheiros, que foram barbaramente espancados na Central, onde já estavam detidos e sendo torturados outros militantes. (HISTÓRIA..., 1946, p. 11)

Além do relato sobre a repressão policial, chama a atenção a afirmação de que “A guerra contra o nazi-fascismo exigia uma luta mais ampla do que através de um jornal ilegal”. Ao ler atentamente essa frase, indaga-se se houve uma intenção de Deane em explicar esse interlúdio de seis anos de interrupção da *CO*, de 1940 a 1946, ao afirmar que o temor de uma expansão nazi-fascista e a iminência da Segunda Grande Guerra permitiram que se considerasse que o principal inimigo a ser combatido pelo PCB fosse de ordem externa e não interna. Por isso, nesse período, a *CO* teria perdido a sua principal função, que seria a de orientar a eclosão de uma Revolução Comunista no país.

A publicação dessa série de HQ demonstra uma mudança na materialidade da *CO*, que, nesse período, não publicou apenas textos, mas também desenhos e fotografias, o que uniu texto e imagem em um discurso visual comunista. Outro fator importante para essa pluralidade de material publicado nas páginas da *CO* foi uma ressonância do “realismo socialista”. Segundo Alberto Gawryszewski (2010, p. 9), o impacto no Brasil dessa diretriz estética, política e cultural da URSS, deve ser relativizado: “Na verdade foi mais uma orientação que do que uma influência. Os temas das ilustrações, dos poemas, dos romances entre outras produções artísticas e literárias enfocavam o cotidiano urbano e rural com os seus problemas, lutas e, principalmente, conquistas”. Até as ilustrações do rosto de Prestes seguem a mesma característica gráfica da qual Stálin foi apresentado nos periódicos comunistas, tanto nas páginas da *CO* quanto de outras publicações. Contudo, não iremos analisar esse caso, pois, fugiria do objetivo proposto para o presente artigo.

O traço de Deane também merece destaque. Em seus desenhos, o artista economizou na caracterização dos cenários, mas utilizou com frequência, em cada quadrinho, um jogo de luz e sombra que realçou a expressão combativa de Prestes e das

personagens anônimas. Ao retratar os momentos de repressão, Deane desenhou cenários obscuros e sombrios, o que visualmente tentou transmitir, em imagens ao leitor, os momentos tensos atravessados pelo PCB e pela *CO*.

Contudo, devemos ter em mente que apenas os desenhos não foram suficientes para esse objetivo. Tanto que o uso das legendas foi um recurso indispensável para que a mensagem do arco gráfico da trajetória da *CO* pudesse ser facilmente interpretada pelos leitores do respectivo periódico. Foi uma união entre texto e imagem.

Considerações finais

Em seu período de legalidade, o PCB necessitou construir a sua história e a do seu principal periódico. Esse processo, realizado por palavras e imagens, apresentou, por meio das páginas da *CO*, a visão dos comunistas sobre a sua atuação na sociedade brasileira nas décadas de 1920 e 1930.

Ao analisar esse material, identificamos três critérios:

1) uso excessivo de uma narrativa heroica e grandiloquente da história do PCB e da *CO*. A construção de suas trajetórias foi realizada, tendo por base, narrativas de luta e sangue, o que pode ser considerada uma estratégia discursiva de ganhar o apoio e a simpatia dos leitores do periódico e reforçar o seu ingresso nas fileiras do Partido. Afinal, são histórias de perseverança e de luta, contra uma sociedade opressora, e em nome da igualdade social.

2) a influência e a participação da IC é diminuída. Caso as memórias de Octavio Brandão sejam verossímeis, a *CO* foi criada a partir de uma orientação da IC e esse fato sequer foi mencionado, o que resulta em uma idealização do periódico, que é apresentado como fruto da própria necessidade que o PCB sentiu em criar um canal de comunicação que o conectasse com a classe operária. Essa segunda versão foi a que se cristalizou nessa construção histórica. Independente dessas versões sobre a criação da *CO*, em 1945, o PCB adotou um discurso democrático e nacionalista. Podemos interpretar essa postura como uma estratégia de aproximação com a população brasileira e uma forma de não repetir os erros do passado. Cabe retomar, segundo os próprios comunistas, uma das explicações para os insucessos do PCB nas décadas anteriores – a sua fragilidade em penetrar ideologicamente nas camadas populares e operárias –, e isso não deveria se repetir.

3) destaca-se a importância da *CO* na história do PCB. Em todos os textos analisados, os autores trataram o periódico não apenas como um simples impresso, e sim como uma verdadeira companheira de luta. A sua publicação era uma forma de resistência dos comunistas para com os seus algozes. Cada número lançado da *CO* era uma prova de que, apesar da opressão, o PCB não havia perecido e estava na luta para construir o

Comunismo no Brasil. Nesse sentido, a *CO* cumpriu a função de ser “organizador coletivo” do PCB, como teorizado por Lênin (1988, p. 127): “O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo. Ele é, também, um organizador coletivo”.

No campo historiográfico da classe operária e da esquerda no Brasil, esse material impresso da *CO* se enquadra na fase de produção militante, teorizado por Cláudio Batalha (2001, p. 146). Nesse primeiro estágio, a história do movimento operário foi realizada pelos seus próprios participantes, como é o caso dos comunistas, os quais construíram a sua própria versão dos fatos. Para Batalha (2001, p. 147), a “produção militante têm a função legitimadora, da classe, da política sindical, da corrente ideológica ou partido, ou, ainda, do indivíduo militante”. Essas características são encontradas nesse material da *CO*, que resultou em uma legitimação da história do PCB na sociedade brasileira. Seria tentador afirmar que esse material foi a primeira produção histórica do PCB. Contudo, mesmo não tendo, até o presente, condições de confirmar essa asserção, o material publicado na *CO* entre 1946 e 1947 compõe uma das primeiras versões históricas do PCB sobre a sua origem e a sua atuação na sociedade brasileira. Ademais, foi também um apaziguamento construído pelo Partido para com o seu passado. Por isso, qualquer levantamento acerca da história operária, das esquerdas, ou do comunismo no Brasil tem de referenciar esse material.

Nessas páginas, os comunistas brasileiros olharam para trás, teorizaram sobre os seus fracassos e criaram uma história de luta e resistência que guiou grande parte da produção historiográfica sobre do PCB. À *CO* foi atribuído um papel de participante dessa trajetória – e não de simples coadjuvante –, na qual o principal periódico do Partido Comunista do Brasil foi o pão que alimentou e a luz que iluminou os caminhos dos seguidores da Revolução que ecoava do outro lado do Atlântico.

Recebido em 31/1/2013

Aprovado em 28/5/2013

NOTAS

¹ Esse artigo é originário do projeto de doutorado em andamento “Cultura Comunista, Revoluções e América Latina nas páginas de *El Machete* e *A Classe Operária: O PCM e o PCB nas décadas de 1920 e 1930 (México e Brasil)*”, orientado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/Fapesp. Uma versão condensada desse texto foi apresentada, como comunicação de pesquisa, no VI Encontro do CEDAP, realizado de 16 a 18 de outubro de 2012, nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus Assis.

² Por questões estilísticas, a partir deste ponto, quando necessário, o periódico A Classe Operária será apresentado no artigo por meio da sigla CO.

³ Essa concepção de processo para a fundação do PCB, abarcando os anos de 1919 a 1924, foi sistematizada por Marcos Del Roio (2007).

⁴ Astrojildo Pereira foi um dos principais personagens da História do Movimento Operário do Brasil. Na primeira década do século XX, militou no movimento anarquista e contribuiu em diversos periódicos libertários. Após a Revolução Russa e desencantado com os rumos do movimento anarquista, mudou de posicionamento político e tornou-se um dos pioneiros na divulgação do marxismo-leninismo no Brasil. Foi um dos fundadores do PCB em março de 1922 (BATALHA, 2009, p. 125).

⁵ Tanto as citações de livros, como as de textos e fontes estão em seu original. Em alguns casos, aparecerão erros gramaticais e de concordância verbal. Todavia, apesar do possível desconforto que a leitura dessas situações possa suscitar, decidimos não realizar nenhum tipo de correção para que os documentos e as obras se apresentem fidedignamente ao seu original.

⁶ Assim como Astrojildo Pereira, Octavio Brandão percorreu o caminho do anarquismo brasileiro na primeira década do século XX. Aderiu ao comunismo após a Revolução Russa e escreveu a primeira edição da revista Movimento Comunista, em janeiro de 1922. Juntou-se ao PCB em outubro de 1922.

⁷ Um dos maiores desafios em se trabalhar com a imprensa operária, seja ela de orientação anarquista ou comunista, está na localização de suas fontes. No caso da CO, a maior parte da sua coleção encontra-se no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista, CEDEM, localizado na cidade de São Paulo, e no Arquivo Edgar Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL), pertencente à Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Todavia, mesmo nesses centros, a coleção da CO contém muitas lacunas e está incompleta. Em razão disso, não podemos afirmar que essa edição, de nº 219 e publicada em 01 de março de 1940, foi realmente a última da CO antes da sua retomada em 1946.

⁸ O “obrerismo” foi uma orientação da IC, para que o PCB substituísse os quadros de liderança do Partido, que era composto por intelectuais. Segundo essa teoria, mesmo sendo comunistas, esses intelectuais, inconscientemente, possuíam “sentimentos burgueses” que entravam em conflitos com as estratégias do Partido. Além de Astrojildo Pereira, Octavio Brandão também foi afastado por esse expurgo ideológico.

⁹ Com diversas intermitências em sua continuidade de publicação, a CO possui fases em sua trajetória impressa. As edições analisadas nesse artigo apresentam o começo da terceira fase, que durou até 1964. As outras duas fases são as seguintes: 1) 1925, período das doze primeiras edições; e 2) 1928 até meados de 1940.

¹⁰ Em primeiro de maio de 1886, uma manifestação de trabalhadores em Chicago, EUA, que reivindicavam a instauração de oito horas diárias de trabalho, foi duramente reprimida pela polícia, que vitimou doze sindicalistas. Pela repercussão desse evento, a segunda Internacional Socialista, formada em 1889, após a dissolução da Associação Internacional dos Trabalhadores, definiu a data Primeiro de maio como um dia de luta para todos os trabalhadores do mundo, tendo se tornado conhecida como o Dia do Trabalho. A força dessa data é tão relevante que tanto socialistas como anarquistas e comunistas de diversos países utilizaram esse dia para promover manifestações e reivindicações para a classe operária (WOODCOCK, 1981, p. 30-32).

¹¹ Escritor e jornalista, Rui Facó foi um nome importante do comunismo brasileiro. Nascido no Ceará, em 1913, foi autor de diversos livros, que discutem a questão social no Brasil, com destaque para “Cangaceiros e Fanáticos: gênese e luta”, obra clássica que foi publicada em 1963, após a sua morte. Para mais detalhes de sua vida, consultar o site www.ruifaco.com.br.

¹² Cabe ressaltar que essa ação de dividir um longo artigo em partes não foi uma prática apenas da CO, mas também de outras publicações do período.

¹³ Carlo Vilanova e Joaquim Francisco da Silva tiveram ambos uma participação pioneira na divulgação do Comunismo no Brasil. Vilanova espalhou as ideias comunistas em Alagoas, e Joaquim Francisco foi um personagem importante nos primeiros passos do Comunismo em Pernambuco e participou da fundação do PCB em 1922 (DULLES, 1977).

¹⁴ Infelizmente, até o momento presente da pesquisa, não foi obtida nenhuma informação sobre Percy Deane.

FONTES

A CLASSE OPERÁRIA. Rio de Janeiro: Órgão Central do Partido Comunista do Brasil, 1940.

A CLASSE OPERÁRIA. Rio de Janeiro: Órgão Central do Partido Comunista do Brasil, 1946.

A CLASSE OPERÁRIA. Rio de Janeiro: Órgão Central do Partido Comunista do Brasil, 1947.

REFERÊNCIAS

1° DE MAIO, de 1886 a 1946. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 08, p. 3, 01 maio 1946.

A 'classe' era pão e luz. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 01, p. 6, 09 mar. 1946.

A CLASSE OPERÁRIA, 1° de maio de 1926 e 1° de maio de 1946. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 3, p. 10, 23 mar. 1946.

A FORMAÇÃO do Partido Comunista ligada ao movimento sindical. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 60, p. 3, 29 mar. 1947.

A NOSSA Classe operária. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 01, p. 1, 09 mar. 1946.

BARBOSA, Júlia Monnerat. Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. 2010. 403 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BATALHA, Cláudio H. M. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p.148-157.

BATALHA, Cláudio H. M. Dicionário do movimento operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920: militantes e organizações. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BRANDÃO, Octavio. Combates e Batalhas. Memórias. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978. v.1.

DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919-29). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). A formação das tradições (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 223-248.

DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA d'a classe operária. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 01, p.7, 09 mar. 1946.

FERREIRA, Jorge. Prisioneiros do Mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Arte visual comunista: imprensa comunista brasileira, 1945-1958. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2010.

GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 53-72.

HISTÓRIA D'“A Classe Operária. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 02, p. 10, 16 mar. 1946.

HISTÓRIA D'“A Classe Operária. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 03, p. 10, 23 mar. 1946.

HISTÓRIA D'“a classe operária”. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 01, p. 9, 09 mar. 1946.

HISTÓRIA D'“a classe operária”. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 02, p. 11, 16 mar. 1946.

HISTÓRIA D'“a classe operária”. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 03, p. 11, 23 mar. 1946.

KAREPOVS, Dainis. A classe operária vai ao parlamento. O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930). São Paulo: Alameda, 2006.

LÊNIN, V. I. As normas da revista exigem que os nomes não sejam abreviados nas referências, favor completar O que fazer? São Paulo: Hucitec, 1988.

O PARTIDO Comunista tem um glorioso passado de lutas. A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 62, p. 7, 06 abr. 1947.

PEREIRA, Astrojildo. Construindo o PCB (1922-1924). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da Ilusão: Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REBELO, Apolinário. Jornal A Classe Operária. Aspectos da história, opinião e contribuição do jornal comunista na vida nacional. São Paulo: Anita Garibaldi, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SOUSA, Fábio da Silva. Dos e para os Operários: Questões metodológicas de pesquisa em jornais comunistas (El Machete e A Classe Operária). Revista de História Comparada. PPGHC, Rio de Janeiro, Ano 6, v. 6, n. 2, p. 49-67, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/323>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

TODOS DE PÉ contra as manobras dos traidores nacionais e pela união nacional democrática! A Classe Operária, Rio de Janeiro, n. 219, p. 6, 01 mar. 1940.

WOODCOCK, George. Os Grandes Escritos Anarquistas. Porto Alegre: L&PM, 1981.